

Søren Aabye Kierkegaard: um dinamarquês pro-vocante*

Por Iuri Andréas Reblin**

Resumo:

O presente ensaio tem o objetivo de apresentar o teólogo e filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855). Muito conhecido no campo filosófico, mas nem tanto no campo teológico, Kierkegaard influenciou o pensamento moderno. Através de seus textos, ele buscava provocar o leitor e instigá-lo a pensar sobre si mesmo, sobre o mundo em que está inserido, sobre seu lugar neste e sobre seu papel como cristão. Para Kierkegaard, nascer em berço cristão não é garantia de ser cristão, pois para ser cristão é preciso antes *se tornar* um cristão, o que implica numa transformação interior, ética, existencial. Enfim, Kierkegaard foi um crítico do cristianismo de seu tempo, um autor religioso, que, antes de provocar e instigar as pessoas a apropriarem-se das verdades de fé, tomou a si mesmo como protótipo dessa experiência, o que fez dele um autor angustiado, impressionante e desconcertante.

Palavras-Chave:

Kierkegaard - aspectos biográficos - aspectos teológicos

Migalhas biográficas

Søren Aabye Kierkegaard nasceu no dia 5 de maio de 1813, em Copenhague, durante um período em que a Dinamarca sofria as conseqüências da guerra contra a Inglaterra, pelo fato dela ter apoiado os franceses durante as guerras napoleônicas. A crise econômica se alastrava por todo o país, a inflação era gritante e a moeda, desvalorizada. Nesse tempo, o pai de Søren, comerciante, se tornou um homem bastante rico, pois ele investira todo seu dinheiro em títulos reais, os quais não

* O presente texto é parte integrante de uma monografia realizada no segundo semestre de 2005 para o cumprimento das exigências acadêmicas do curso de mestrado no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, RS, sob a supervisão do Prof. Dr. Rudolf von Sinner.

** Teólogo, mestrando no IEPG, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

perderam seu valor em meio à crise¹. Essa riqueza possibilitou ao pai de Søren dedicar-se à educação dos filhos e, mais tarde, ao próprio Søren viver como um “eterno estudante”, um boêmio e um escritor de livros².

Kierkegaard era o caçula de um total de sete filhos que Michael Pedersen Kierkegaard e Anne Sørensdatter Lund, sua segunda esposa, tiveram. Desses filhos, todos morreram cedo, à exceção de Søren e de Peter, o primogênito. Todas essas mortes influenciaram profundamente a vida do jovem Søren Kierkegaard³. Além disso, o próprio fato de Søren ser filho de um casal já idoso (seu pai tinha 56 anos e sua mãe, 44)⁴ fez com que ele fosse identificado e se identificasse com Isaque, o filho a ser sacrificado. O fato é que o “pequeno Kierkegaard crescia sob a influência da melancolia, do forte sentimento de culpa e da imagem do Deus julgador que constituíam traços marcantes da personalidade do pai”⁵, como o próprio Søren descreve: “[...] Deus de misericórdia, com meu pai em sua melancolia me fez tão grande mal – um velho que descarrega toda sua melancolia sobre uma pobre criança, para não falar do que é mais horrível ainda e, no entanto, o melhor dos pais. [...]”⁶.

De fato, a relação entre Søren e seu pai era muito próxima, em contraste com a ausência da mãe em sua educação, tanto que a grande maioria de seus escritos são dedicados ao próprio pai. Por um lado, o pai de Søren era um ávido estudioso autodidata de filosofia e teologia, além de carregar a influência da Igreja Luterana da

¹ Cf. LOWRIE, Walter. *A Short Life of Kierkegaard*. Princeton: Princeton University Press, 1969. p. 20-23.

² Cf. GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão Pelo Paradoxo: uma introdução a Kierkegaard*. São Paulo: Novo Século, 2000. p. 28-35.

³ Cf. KIERKEGAARD apud REICHMANN, Ernani. *Søren Kierkegaard: Textos Seleccionados*. Curitiba: [s. e.], 1971. p. 17-18.

⁴ Cf. ROOS, Jonas. *Kierkegaard: Considerações sobre vida e obra*. Polígrafo, texto apresentado no Seminário de Aprofundamento Teológico em História Eclesiástica, “O pensamento de Søren Kierkegaard”, realizado na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, RS, no primeiro semestre de 2004a, p. 3. Para maiores complementares confira ROOS, Jonas. *Razão e fé no pensamento de Søren Kierkegaard: o paradoxo e suas relações*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.

⁵ ROOS, 2004a, p. 4.

⁶ KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1971, p. 18.

Dinamarca e a influência pietista dos irmãos morávios⁷. Por outro lado, Michael Pedersen Kierkegaard era um homem melancólico, que compreendia sua vida como um castigo de Deus, pois ele o amaldiçoara quando criança: “devido às terríveis condições em que tinha que trabalhar quando ainda era um rapaz, solenemente amaldiçoou Deus, e por toda a vida foi perseguido pelo sentimento de culpa devido a este incidente”⁸. Todos esses fatores afetaram profundamente a personalidade e, conseqüentemente, os escritos do jovem Søren Kierkegaard⁹:

Kierkegaard, influenciado pela religiosidade de seu pai, percebe a radicalidade da precariedade do ser humano, seu pecado, sua angústia e seu desespero, bem como a radicalidade do juízo de Deus para com o ser humano pecador. Esta percepção nunca será abandonada por Kierkegaard. No entanto, este entendimento será contrastado com o Deus do amor, do perdão e da graça. A união destes elementos não se dará por uma síntese, mas no paradoxo da cruz.¹⁰

De qualquer forma, todas essas experiências influenciaram a maneira de Søren Kierkegaard ver e entender seu lugar no mundo e seu papel enquanto *tornava-se* cristão. Quanto mais conhecia e se aprofundava nos conhecimentos teológicos, mais se angustiava por perceber a distância que havia entre o que se pregava e o que se vivia. “Toda pessoa dotada de um pouco de discernimento, que considera com seriedade o que se chama de cristandade ou o estado de um país pretensamente cristão será sem dúvida, assaltada por profundas dúvidas”¹¹. Diante dessa perspectiva não é difícil entender porque uma de suas obras viria a abordar o conceito de angústia, como ele mesmo comenta:

É verdadeiramente terrível quando, em certos momentos, penso em todo esse fundo sombrio de minha vida, desde os primeiros anos. A angústia, com a qual meu pai me enchia a alma sua terrível melancolia, a multidão de coisas que não posso sequer apontar. Essa

⁷ Cf. GOUVÊA, 2000, p. 27.

⁸ GOUVÊA, 2000, p. 25.

⁹ Cf. ROOS, 2004a, p. 4s.

¹⁰ ROOS, 2004a, p. 5.

¹¹ KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1971, p. 58.

mesma angústia me dominava diante do cristianismo e, no entanto, eu me sentia atraído por ele tão intensamente. E, mais tarde, como sofri por causa de Peter, quando caiu num estado de doentia religiosidade.¹²

Embora ele tivesse vivido uma fase de rebeldia juvenil¹³, o contato que tinha com a teologia, em casa e, depois, na universidade, acrescida da bagagem religiosa do pai, fez de Kierkegaard um crítico do cristianismo de seu tempo, um autor religioso, que, antes de provocar e instigar as pessoas a apropriarem-se das verdades de fé, tomou a si mesmo como protótipo dessa experiência. Isso fez dele um pensador desconcertado, angustiado e, simultaneamente, “um autor impressionante e desconcertante”¹⁴.

Post-Scriptum Teológico

Søren Aabye Kierkegaard foi um dos teólogos e filósofos mais críticos e criticados de seu tempo. Polêmico, irônico e excêntrico, ele se empenhou em elaborar e em defender uma “teologia apropriativa” (se é assim que poderia ser chamado seu projeto de vida), uma teologia que provocasse a paixão e, nela, a apropriação da verdade cristã pelo indivíduo, em sua existência. Em outras palavras, ele enfatizou a existência humana na presença de Deus. Assim, através de seus textos, Kierkegaard buscava provocar o leitor e instigá-lo a pensar sobre si mesmo, sobre o mundo em que está inserido, sobre seu lugar neste e sobre seu papel como cristão. Numa terra na qual praticamente toda a população nascia cristã (e luterana!), Kierkegaard advertia: nascer em berço cristão não é garantia de ser cristão, pois para ser cristão é preciso antes *se tornar* um cristão, o que implica numa transformação interior, ética, existencial¹⁵:

¹² KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1971, p. 19.

¹³ GOUVÊA, 2000, p. 30-35.

¹⁴ GOUVÊA, 2000, p. 19.

¹⁵ GOUVÊA, 2000, p. 103s.

Tornar-se cristão é assumir um compromisso pessoal com isto, e tomar esta resolução novamente a cada dia num constante processo de repetição (*Gjentagelse*) e crescimento pessoal. Certamente, para Kierkegaard, cristianismo é uma empreitada para toda a vida, pois o cristão está sempre se tornando o que ele é como cristão, ou seja, um indivíduo redimido.¹⁶

A idéia de *tornar-se cristão repetitivamente* assemelha-se ao que Lutero defende acerca da imersão diária no batismo, ou seja, sobre o renascimento diário de uma nova pessoa coerente e compromissada com os mandamentos de Deus¹⁷. Em determinada ocasião, Lutero escreveu:

Vida cristã não é ser bom, mas tornar-se bom. Não é ser saudável, mas tornar-se saudável. Não é ser, mas tornar-se. Não é contemplação, mas prática. Ainda não o somos, mas tornar-nos-emos. Ainda não foi feito e aconteceu, mas é o caminho. Nem tudo é candente e brilhante, mas tudo se aperfeiçoa mais e mais.¹⁸

Na verdade, “Kierkegaard foi um diligente leitor de Lutero e considerava os escritos devocionais de Lutero como a parte mais importante de sua obra. Na maioria de suas observações [...] ele concorda plenamente com o reformador”¹⁹. De qualquer maneira, o fervor da Reforma protestante se esvaiu com o passar dos anos e a Igreja se institucionalizou, se tornando, na época de Kierkegaard, aquilo que a Reforma outrora combatia: sem a paixão pelo discipulado, sem a loucura da fé, sem o

¹⁶ GOUVÊA, 2000, p. 104.

¹⁷ Cf. LUTERO, Martinho. Catecismo Maior. *Obras Seleccionadas*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 2000, v. 7. p. 430: “Pois o barco [o Batismo, i. é, a aliança de Deus com o ser humano] não se rompe, visto que, conforme dito, é ordenação de Deus, não coisa nossa. Acontece, porém, na verdade, que nós escorregamos e caímos para fora do barco. Mas se alguém cai para fora, trate de nadar para o barco e apegar-se com ele, até que consiga voltar a bordo e prosseguir nele conforme antes começara”.

¹⁸ LUTERO, Martinho. Grund und Ursach aller Artikel D. Martin Luthers, so durch römische Bulle unrechtlich verdammt sind. *D. Martin Luthers Werke: kritische Gesamtausgabe*. Weimarer Ausgabe. Weimar: Hermann Böhlau Nachfolger, 1897, v. 7. p. 336. O texto foi escrito em 1521 e intitula-se “Fundamento e razão de todos os artigos do Dr. M. Lutero injustamente condenados pela bula romana”. Agradeço ao prof. Dr. Ricardo Willy Rieth (EST/ULBRA) pela tradução do trecho citado acima e a respectiva referência bibliográfica.

¹⁹ GOUVÊA, 2000, p. 109.

escândalo do evangelho. Diante disso, Kierkegaard, como projeto para sua vida, discutia a *cristianização* do cristianismo²⁰.

Kierkegaard era da opinião de que era impossível obter qualquer impressão da paixão da fé cristã no cristianismo secularizado de sua época²¹. “Uma riqueza de informações [doutrinárias] sobre a cristandade fez com que muitas pessoas esquecessem o que significa existir como cristão”²². Nessa direção, Kierkegaard, com classe e ironia, utilizando-se da lógica socrática, afirma:

Eu não me chamo de cristão, não digo a mim mesmo que sou cristão... isto soa quase como uma forma de loucura, neste mundo cristão onde todos e qualquer um são cristãos, onde ser cristão é algo que todo mundo simplesmente é... especialmente alguém a quem o cristianismo importa no grau que importa a mim. Mas não pode ser de outra forma... Eu não posso estar a serviço da legião de mercadores velhacos, refiro-me aos sacerdotes, que falsificando a definição de cristianismo pelo bem dos lucros nos negócios adquiriram milhões e milhões de cristãos. Eu não sou um cristão – e infelizmente sou capaz de tornar evidente que os outros também não o são, sim, ainda menos do que eu. Pois eles imaginam que são cristãos...²³

Na Dinamarca do século XIX, reinava um comodismo na vida das pessoas cristãs²⁴. Até se poderia interpretar essa estagnação da vida de fé como uma “missão cumprida”. Num país onde todos são cristãos e luteranos, a ordem que Jesus deu aos seus discípulos (Mt 28.19) havia sido concretizada, todo mundo já era “discípulo”. Diante desse marasmo de apatia eclesiástica, Kierkegaard procura restaurar o sentido e a finalidade da existência do cristão²⁵, enfatizando o indivíduo, a preocupação com

²⁰ Cf. DIEM, Hermann. *Kierkegaard: An Introduction*. Richmond: John Knox Press, 1966. p. 29.

²¹ DIEM, 1966, p. 29.

²² DIEM, 1966, p. 29. Tradução própria.

²³ KIERKEGAARD apud GOUVÊA, 2000, p. 113.

²⁴ DIEM, 1966, p. 29: “At the same time, men had also lost the necessary passion for existing as human beings”.

²⁵ DIEM, 1966, p. 29.

a interioridade, com a subjetividade²⁶. Em outras palavras, o Evangelho necessita ter validade para a pessoa e não apenas vista como repetições de dogmas e sacramentos.

Uma das frases mais célebres e também mal compreendidas de Kierkegaard é “a verdade é subjetividade”. Essa subjetividade não é sinônima de subjetivismo, em que cada qual escolhe a verdade que melhor lhe convier. A verdade subjetiva aqui é contrária à verdade objetiva e ao pensamento de Hegel, “que havia proposto um sujeito abstrato, absoluto, que engolia completamente a individualidade e, como conseqüência, perpetrava o que Kierkegaard via como a subjetividade desaparecendo numa objetividade sem limites”²⁷. O que Kierkegaard quer ao afirmar que “a verdade é subjetividade” é que a verdade deve ser apropriada pelo indivíduo, “experimentada interiormente”²⁸. Essa “apropriação ocorre por uma relação existencial com o objeto da fé”²⁹. Segundo Kierkegaard,

Quando se interroga objetivamente sobre a verdade, reflete-se objetivamente sobre a verdade como sobre um objeto ao qual o sujeito que conhece se relaciona. Não se reflete sobre a relação, mas sobre o fato que é a verdade, o verdadeiro, a que a gente se relaciona. Quando isto a que a gente se relaciona é a verdade, o verdadeiro, então o sujeito encontra-se na verdade. Quando se procura a verdade de maneira subjetiva, reflete-se subjetivamente sobre a relação do indivíduo. Se apenas o como desta relação está na verdade, então o indivíduo acha-se na verdade, mesmo quando se relaciona com o não-verdadeiro.³⁰

Dessa forma, Kierkegaard enfatiza a necessidade de um relacionamento subjetivo com a verdade. No entanto, tal relacionamento não pode se restringir ao nível estético, pois haveria o risco de relacionar-se com o não-verdadeiro, considerando-o verdadeiro. Por exemplo, a afirmação “Cristo ressuscitou” pode ser considerada uma verdade objetiva. Necessariamente, ela não teria nenhuma relação,

²⁶ KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1971, p. 33.

²⁷ GOUVÊA, 2000, p. 123.

²⁸ GOUVÊA, 2000, p. 124.

²⁹ GOUVÊA, 2000, p. 125.

³⁰ KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1971, p. 236.

a priori, subjetiva. Ao complementar essa verdade objetiva: “Cristo ressuscitou por nós ou por mim”, acrescenta-se a dimensão subjetiva à verdade. O equívoco estético consistiria em afirmar que “por mim, Cristo ressuscitou”, afunilando essa verdade ao indivíduo. Kierkegaard era contra o pensamento socrático que dizia que “a verdade está dentro de nós”³¹. Nesse sentido, é importante ter claro que,

Se a subjetividade é a verdade, é preciso que a determinação conceitual da verdade contenha a expressão da antítese da objetividade e conserve a lembrança do ponto de bifurcação do caminho. Esta expressão indica ao mesmo tempo a tensão da interioridade. Aqui a definição da verdade é a seguinte: A incerteza objetiva apropriada firmemente pela interioridade a mais apaixonada é a verdade.³²

Aqui a compreensão de verdade equivale à compreensão de fé: “A fé é a contradição entre a paixão infinita da interioridade e a incerteza objetiva”³³. Em outras palavras, não basta ao indivíduo, ao cristão, saber ou conhecer a verdade de fé que lhe é revelada, é necessário ao cristão apaixonar-se por ela. Essa paixão tem seu lugar nem na objetividade, nem na subjetividade, mas no ponto de bifurcação entre ambas. “A interioridade de um sujeito existente culmina na paixão, à qual corresponde à verdade como um paradoxo. E o fato de que a verdade torna-se um paradoxo repousa justamente sobre sua relação com um sujeito existente”³⁴. Apaixonar-se pela verdade, significa apropriar-se dela em sua interioridade, assumindo seus riscos e compromissos. Nessa direção, a fé “é inerente à subjetividade’ e constitui sua ‘maior paixão’; é somente ‘tornando-se subjetivo’ que a importância do cristianismo pode ser compreendida e apropriada de modo que constitua uma realidade para o crente”³⁵. Assim, o cristão torna-se *a verdade*, numa

³¹ Cf. KIERKEGAARD, Søren A. *Migalhas Filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 27-33.

³² KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1971, p. 239.

³³ KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1971, p. 239.

³⁴ KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1971, p. 236.

³⁵ GARDINER, Patrick. *Kierkegaard*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 99.

idéia em analogia ao que Lutero afirma sobre tornar-se *Cristo* em seu tratado sobre a liberdade cristã:

Por isso, tal qual o Pai celeste nos auxiliou gratuitamente em Cristo, devemos também nós auxiliar a nosso próximo gratuitamente pelo corpo e suas obras, e cada qual tornar-se para o outro como que um Cristo, para que sejamos Cristos um para o outro, e o próprio Cristo esteja em todos, isso é, para que sejamos verdadeiros cristãos.³⁶

Em seu projeto de resgatar o *significado de existir como cristão* na vida de seus contemporâneos e na sua própria vida, Kierkegaard empregava conceitos como paradoxo, absurdo, salto, instante. A comunicação, por meio de suas obras, acontecia de forma direta, mas, principalmente, de maneira indireta, utilizando-se de ironia e de uso de pseudônimos. Tal metodologia tinha sua razão de ser:

Não, jamais se dissipa uma ilusão diretamente. Não se a destrói radicalmente senão de uma maneira indireta. Se é uma ilusão dizer-se que todos são cristãos e se é preciso fazer alguma coisa, esta ação deve ser conduzida indiretamente e não por um homem que proclame bem alto ser um cristão extraordinário, mas por um homem que, melhor informado, esteja pronto a declarar que não é cristão. Ou, dito de outra maneira, é preciso pegar pelas costas aquele que está na ilusão.³⁷

Em suas obras, Kierkegaard ataca o racionalismo de frente. Para ele, o cristianismo é o próprio Cristo e não apenas as doutrinas cristãs. Exatamente, este cristianismo que é o próprio Cristo é justamente a verdade. Logo, o cristianismo está baseado segundo as verdades históricas, ou seja, aquelas que já aconteceram. As pessoas precisam decidir se essa verdade vale para elas. No entanto, ao mesmo tempo, as certezas em relação ao sentido da vida (sobre a eternidade, p. ex.) são verdades necessárias, i. é, lógicas, aquelas que têm que ser como são. Aqui a pergunta é: pode-se construir uma verdade eterna sobre uma verdade histórica? Segundo Kierkegaard, esse é o paradoxo e, simultaneamente, o absurdo da fé.

³⁶ LUTERO, Martinho. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. *Obras Seleccionadas*. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1989, v. 2. p. 454.

³⁷ KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1971, p. 58.

O “paradoxo não se dirige primariamente à razão, mas à pessoa existente”³⁸. Ou seja, nessa crítica ao racionalismo hegeliano, Kierkegaard afirma que a verdade de fé não é compreendida especulativamente, mas existencialmente. Essa compreensão é paradoxal e absurda, pois essa experiência com o transcendente acontece na existência, no *instante* (Augenblick) em que o eterno se encontra com o temporal. “O absurdo tem que ser compreendido como o paradoxo: aquilo que é contrário à opinião comum, o inverossímil”³⁹. Por isso “o paradoxo é o absurdo que não é compreendido pela razão”⁴⁰. Nas palavras de Kierkegaard,

A subjetividade é a verdade. Foi pelo fato de que a verdade eterna essencial entretinha relações com a existência que nasceu o paradoxo. Procuremos, agora, ir mais longe. Admitamos que a verdade essencial seja ela mesma o paradoxo. Como chega a nascer o paradoxo? Pelo fato de que a verdade eterna essencial e a existência são colocadas junto. Se colocarmos, pois, os dois na verdade, esta torna-se um paradoxo.⁴¹

Segundo Kierkegaard, i. é, seu pseudônimo, João Clímacus, o paradoxo revela e soluciona a diferença extrema entre Deus e o ser humano, que, ao mesmo tempo, é o primeiro passo para saber algo sobre Deus, ou seja, que ele é totalmente diferente de sua criação. Essa diferença é o pecado⁴². No entanto, essa mesma diferença é solucionada no paradoxo do Deus-Homem na cruz, “onde pecado e graça estão paradoxalmente unidos”⁴³. É no paradoxo que a verdade se torna conhecida. “Diante do paradoxo do Deus-Homem, somos confrontados com os limites da razão,

³⁸ ROOS, Jonas. *O Paradoxo em suas Relações*. Polígrafo. Texto apresentado no Seminário de Aprofundamento Teológico em História Eclesiástica, “O pensamento de Søren Kierkegaard”, realizado na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo, RS, no primeiro semestre de 2004b. p. 24.

³⁹ VIALLANEIX, Nelly. *Kierkegaard: El único ante Dios*. Barcelona: Herder, 1977. p. 40. Tradução própria.

⁴⁰ ROOS, 2004b, p. 24.

⁴¹ KIERKEGAARD apud REICHMANN, 1971, p. 242.

⁴² Cf. PAULA, Marcio Gimenes de. *Socratismo e cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001, p. 86s. e também Cf. KIERKEGAARD, 1995. p. 61-82.

⁴³ ROOS, Jonas. As obras do amor: ética e paradoxo em Kierkegaard. In: WACHHOLZ, Wilhelm (Coord.). *Identidade Evangélico-Luterana e Ética: Anais do III Simpósio sobre Identidade Evangélico-Luterana e Ética*. São Leopoldo: EST, 2005. p. 180.

os limites da nossa própria existência e com a possibilidade de escândalo”⁴⁴. A verdade eterna essencial e a existência criam um paradoxo, quando se encontram num ponto de bifurcação. Esse ponto de bifurcação é o que Kierkegaard chama de *instante* (Augenblick).

O *instante*, ou a “piscada do olho”, é aquilo que sustenta a síntese do temporal e do eterno, quando o tempo entra em contato com a eternidade. O tempo é a sucessão contínua e só pode ser estabelecida como passado, presente e futuro, a partir do momento em que em sua linha infinita seja possível encontrar um ponto de apoio fixo. Em si, nenhum momento é realmente presente. Nesse sentido, o presente não é um conceito do tempo, a não ser se for pensado como o infinitamente vazio. O presente é o eterno, o eterno é o presente:

O tempo é, pois, o infinito seguir-se um ao outro; a vida, que é no tempo e somente pertence ao tempo, não tem presente. Com certeza, trata-se, às vezes, de definir a vida sensual, dizendo que ela é no instante e somente no instante. Entende-se aí como instante a abstração do eterno, a qual, caso esta deva ser o presente, é sua paródia. O presente é o eterno, ou melhor, o eterno é o presente, e o presente é o pleno [cumprido, completo].⁴⁵

O que acontece, pois, no instante em que o eterno entra em contato com o temporal? Ocorre paradoxo e a história se torna possível. “Entendido dessa maneira, o instante não é propriamente átomo do tempo, mas sim átomo da eternidade”⁴⁶. A síntese do temporal e o eterno é expressão da primeira síntese, da qual constitui o próprio ser humano como síntese de alma e corpo sustentada pelo espírito. Tão logo

⁴⁴ KIERKEGAARD apud ROOS, 2005, p. 178.

⁴⁵ KIERKEGAARD, Søren A. *Der Begriff Angst, Vorworte*. Düsseldorf: Eugen Diederichs Verlag, 1952. p. 88: „Die Zeit ist also das unendliche Aufeinanderfolgen; das Leben, welches in der Zeit ist und allein der Zeit zugehört, hat nichts Gegenwärtiges. Freilich pflegt man bisweilen, um das sinnliche Leben zu bestimmen, zu sagen, daß es im Augenblick sei und allein im Augenblick sei. Man versteht dabei unter Augenblick die Abstraktion vom Ewigen, welche, falls sie das Gegenwärtige sein soll, die Parodie darauf ist. Das Gegenwärtige ist das Ewige, oder richtiger das Ewige ist das Gegenwärtige, und das Gegenwärtige ist das Erfüllte.“

⁴⁶ KIERKEGAARD, 1952, p. 90: „Solchermaßen verstanden ist der Augenblick nicht eigentlich Atom der Zeit, sondern Atom der Ewigkeit.“

o espírito é posto, existe o momento e com ele, começa a história⁴⁷. Essa transição é dada por um *salto qualitativo*.

O *salto qualitativo* é o passo em que um novo estado é posto na história da vida individual, a qual, por sua vez, avança num movimento de estado a estado. Cada salto precede um estado de possibilidades e, portanto, de angústia e a cada novo salto o pecado vem ao mundo. Quando não há um salto, há um movimento quantitativo, de repetição⁴⁸. É através de um salto qualitativo que o ser humano pula da inocência para a culpa. Kierkegaard também utiliza o termo *salto* ao falar da fé como o dever cristão. “Crer é saltar para o absurdo. Para penetrar na esfera do paradoxo, do inverossímil, onde Deus está presente, há de se converter, isto é, separar-se da oferta da razão”⁴⁹. Mas, ao mesmo tempo em que a fé é um movimento ao absurdo, ao eterno, também é um movimento de retorno à temporalidade:

É necessária uma coragem puramente humana para renunciar a toda a temporalidade a fim de ganhar a eternidade; mas pelo menos conquisto-a e não posso, uma vez na eternidade, renunciar a ela sem contradição. Porém torna-se necessária a humilde coragem do paradoxo para alcançar então toda a temporalidade em virtude do absurdo, e esta coragem só a dá a fé. Por ela, Abraão não renunciou a Isaac; por ela, ao contrário, obteve-o.⁵⁰

O mesmo movimento duplo acontece na vida cristã, que, assim como a fé, acontece na cotidianidade. “Todo amor ao próximo é mediado pelo amor de Deus. Isto significa que nós devemos todo o nosso amor a Deus, mas que ele nos ordena a expressar isto amando nosso próximo”⁵¹. Assim, “toda relação de amor cristão é uma relação a três”⁵². Segundo Kierkegaard, a fé cristã sempre se mostrará em ações

⁴⁷ Cf. KIERKEGAARD, 1952, p. 90.

⁴⁸ Cf. KIERKEGAARD, 1952, p. 116.

⁴⁹ VIALLANEIX, 1977, p. 47. Tradução própria.

⁵⁰ KIERKEGAARD, Søren A. *Temor e Tremor*. Lisboa: Guimarães Editores, [s.d.], p. 65s.

⁵¹ ROOS, 2005, p. 176.

⁵² ROOS, 2005, p. 176.

concretas, que são frutos do amor cristão. Esses frutos, transformados pela fé, tornam-se expressões da própria pessoa⁵³.

O amor cristão tem seu destino no gênero humano sem exceções, sem predileções, destinado, principalmente, àqueles que não podem retribuir o amor⁵⁴. Ele procura ver as ações do outro, sempre da melhor maneira; “o amor sempre espera pela possibilidade do bem”⁵⁵. O amor cristão combate o egoísmo, não eliminando, mas destronando, o amor imediato ou amor natural e a amizade⁵⁶. A propriedade característica do amor cristão “é que ele contenha esta aparente contradição: que amar seja sempre um dever”⁵⁷. Embora o amor cristão comporte uma tarefa ética, ele abarca também a “estética, a poesia ou a sensibilidade”⁵⁸. O amor cristão é sempre incondicional, tanto no sentido literal quanto no sentido tillichiano da palavra: “O amor cristão está baseado na eternidade, tem sua fonte em Deus”⁵⁹. Nas palavras de Lutero,

Sim, onde estiver a fé, ela não consegue se refrear, ela se comprova, irrompe e confessa e ensina esse evangelho diante das pessoas e por ele arrisca sua vida. E tudo que ela vive e faz, destina-o ao proveito do próximo, para lhe ajudar, não só que ele alcance semelhante graça, mas também no que tange o corpo, propriedade e honra [...] pois, onde não irrompem as obras e o amor, a fé não está bem, o evangelho ainda não pegou, e Cristo ainda não foi bem reconhecido.⁶⁰

Enfim, toda a ênfase e dedicação de Søren Kierkegaard está em questionar e criticar a religião cristã difundida pela Igreja Evangélica Luterana na Dinamarca e vivida pelos luteranos de seu tempo. Ele defendia que as verdades de fé precisam ser

⁵³ Cf. ROOS, 2005, p. 173.

⁵⁴ Cf. KIERKEGAARD apud ROOS, 2005, p. 174: “próximo é aquele que está mais próximo de ti do que todos os outros, contudo não no sentido de uma predileção; pois amar aquele que no sentido da predileção está mais próximo de mim do que todos os outros é amor de si próprio”.

⁵⁵ ROOS, 2005, p. 177.

⁵⁶ Cf. ROOS, 2005, p. 175.

⁵⁷ ROOS, 2005, p. 174.

⁵⁸ ROOS, 2005, p. 175.

⁵⁹ ROOS, 2005, p. 175.

⁶⁰ LUTERO, Martinho. *Pelo Evangelho de Cristo*. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 176.

apropriadas pelo indivíduo em sua existência. Um cristão não fala sobre a verdade, ele é a verdade, num constante *tornar-se*, que acontece, contrariando o racionalismo hegeliano, num “salto de fé”. Esse salto revela ao cristão o paradoxo da existência: Deus se manifestou num ser humano; o eterno se encontrou com o temporal. Entrementes, ao mesmo tempo em que a fé é um movimento ao absurdo, ao eterno, também é um movimento de retorno à temporalidade, concretizando-se no amor ao próximo. Isso tudo faz do cristão alguém desconcertado e, simultaneamente, desconcertante, sobretudo, inquieto. Nas palavras de Álvaro Valls,

Religião e não um sistema filosófico, o Cristianismo é mais comunicação de vida do que doutrina teórica com dogmas a serem decorados, ou quiçá compreendidos. É para ser vivido, na obediência aos mandamentos e, em primeiro lugar, o do amor ao próximo. Não constitui uma filosofia que se explica, mas continua a ser, depois de dois mil anos, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos (i. é, irracionalidade para os filósofos gregos). E o amor que ele ensina, como tudo o mais que é “especificamente cristão” (crístico), é e tem que ser paradoxal.⁶¹

⁶¹ VALLS, Álvaro L. M. Apresentação. In: KIERKEGAARD, Søren A. *As Obras do Amor: Algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Bragança Paulista/Petrópolis: Editora Universitária São Francisco: Vozes, 2005. p. 10-11.